

## INCLUSÃO OU EXCLUSÃO VELADA?

Lidiane Silva Andrade MARTINS  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
lidiane\_sam@yahoo.com.br

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar e descrever as representações presentes nos dizeres de alunos com necessidades especiais, que frequentam a rede regular pública municipal de ensino. Parte-se da hipótese que se vivencia nas escolas de ensino público e regular uma exclusão velada, que tem sido designada pela sociedade, de inclusão. Embora essa inclusão escolar represente ser algo que vem ocorrendo, as marcas nos dizeres desses alunos revelam uma exclusão velada. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de campo, inserida no viés discursivo que tem como arcabouço teórico, sobretudo, a teoria da enunciação da obra de Authier-Revuz (1990), no que concerne à heterogeneidade constitutiva, e Coracini (2007) e Hall (2005) para a questão da identidade. O corpus é composto pelos dizeres de alunos com necessidades especiais, obtidos por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado. E assim, observou-se nos dizeres dos alunos aspectos que demonstram que embora a inclusão pareça ser algo estabelecido, a exclusão ainda está presente.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Teoria da Enunciação; Inclusão; Exclusão.

### 1. Introdução

A inclusão escolar é algo complexo, porém está disseminada na sociedade e nos diversos meios de comunicação como problema estabelecido, uma vez que os discursos referentes à inclusão demonstram que se trata de algo pronto, naturalizado. Mesmo com o surgimento de diversas leis que visam à garantia da inclusão de alunos considerados como deficientes, preferencialmente na escola de ensino regular, como a Constituição Federal (BRASIL,1988) e LDB (BRASIL,1996), a esses alunos não tem sido garantida de forma efetiva, a concretização desse direito.

As leis, os diversos decretos e pareceres relacionados à inclusão escolar ressaltam o poder normalizador que o governo almeja impor na sociedade, porém, como forma de resistência ao que é imposto, esses avanços relacionados à legislação não estão surtindo efeitos tão positivos na prática.

Essas questões contraditórias, que tendem a prejudicar o processo de inclusão escolar, ressaltam a necessidade de discussões que gerem reflexões acerca do assunto, problematizando aspectos pertinentes à inclusão escolar, não apenas na visão de professores, gestão e de pesquisadores. Também deve-se ouvir o que falam os personagens principais dessa cena, no caso, os alunos com necessidades especiais.

## 2. Pressupostos teóricos

O tema central deste trabalho, refere-se à questão da identidade. Para discorrer sobre, adotaremos como arcabouço teórico, Coracini (2007) e Hall (2005).

Segundo Hall (2005), a questão da identidade vem sendo discutida, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio fazendo surgir novas identidade”. De acordo com o autor, o sujeito que até então era reconhecido como unificado não é, pois é um sujeito fragmentado, híbrido e por isso hoje acaba adotando diversas identidades. Fato esse que contribui para que a identidade deixe de ser unificada, o sujeito adquire diversas identidades, de acordo com o momento histórico em que está vivendo. A identidade que na visão do sujeito cartesiano, uno, da razão era compreendida como estática, para o sujeito da visão discursiva está em constante transformação, pois diferentes identidades são representadas em diferentes momentos. O autor prossegue (p. 13):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.

Os sujeitos pesquisados, se mostram nessas circunstâncias, uma vez que durante todo o processo histórico em que passaram, diferentes identidades foram assumidas por eles. Para tanto, temos por objetivo problematizar os discursos desses alunos no momento que vem sendo intitulado como época marcada pela inclusão, em que todos os meios de comunicação e instituições governamentais pronunciam o discurso da inclusão, que as identidades assumidas por eles vão de vítima à opressor. Marcas que serão discutidas, para expor que o sujeito está vivendo uma crise identitária e, que em um mesmo momento assume identidades contraditórias. O que nos pareceu é que os alunos com necessidades especiais, transitam entre identidades que foram naturalizadas com a do sujeito inferior, pelo fato de possuir limitações, eles são vistos como incapazes, ou também de coitados, pois as pessoas tendem a olhar com pena e esses muitas vezes podem adotar essa identidade de vítima.

Para Hall (2005, p.12), “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”. O sujeito dividido, híbrido, clivado, fragmentado perpassado pelo inconsciente e assujeitado à ideologia, acaba assumindo diversas identidades. que muitas vezes são contraditórias entre si. Isto é consequência do constante processo de transformação que vivemos, somos diariamente bombardeados por tendências que mudam o tempo todo, o que ontem era aceito hoje já não é mais. Ao levarmos isso para realidade da inclusão escolar, observamos que os paradigmas adotados por nossa sociedade estão em constante mutação, fato esse que contribui, para formação identitária conflituosa desses alunos.

Ao observar o sujeito heterogêneo, clivado, dividido Hall (2005, p. 39) ressalta, “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”. Assim, o aluno visto pela sociedade como aquele que tem necessidade especial, está em constante confronto com aquilo que os outros pensam sobre ele, mesmo que de forma velada, com o que gostaria que pensassem dele. As múltiplas identidades, que esses alunos demonstram e acreditam possuir é que serão observadas, analisadas e descritas com esta pesquisa.

De acordo com Coracini (2007), não existe identidade, pois essa só torna-se possível na ilusão, algo que adotamos como nossa, nada mais é que representações imaginárias, que são aceitas por nós como uma verdade. A autora ( p. 51) menciona que: “Constituído na falta e pela falta, o sujeito (se) constrói uma identidade que ele crê transparente”. Para encontrar seu lugar no mundo, na sociedade, o sujeito acredita que sabe quem é, para que possa vir conviver e identificar-se com o outro. Assim, por meio do que pensa e diz sobre si, geralmente sempre com base no que o outro diz, pois o sujeito é falado pelo outro. Ela acrescenta (p. 166):

Alguns afirmam que estamos vivendo em um período que se caracteriza pela crise de identidade, ou, melhor dizendo pelo sentimento de perda da identidade - individual, social, nacional - provocado dentre outras causas, pela ideologia da globalização. Esta pretende, embora camufle em discurso, a centralização e a homogeneização, se não de todos e de tudo.

Projetamos nossas representações imaginárias e simbólicas, de acordo com o que outro diz que somos, essas representações sobre nós mesmos, se estabelecem de acordo com tudo que ouvimos a nosso respeito e, nos apropriamos da visão do outro sobre nós como referência, para afirmar a identidade que acreditamos possuir. Adotamos a identidade como algo fixo, imutável sendo que essa está em constante transformação, o sujeito apresenta várias identidades que em determinados momentos chegam a ser contraditórias. Segundo a autora (2007, p. 61), “Apesar da ilusão que se instaura no sujeito, a identidade não é inata, nem natural, mas naturalizada”, ou seja, não nascemos com a identidade fixa e imutável, pois essa está em constante mudança. As representações imaginárias vão sendo constituídas, no intuito de suprir a falta que nos constitui, o outro faz parte desse processo de representação, pelo fato de acreditarmos ser o que o outro julga que somos. É com bases nos discursos proferidos do outro sobre nós, que acabam prevalecendo como verdadeiro, que nossa identidade vai sendo moldada, embora essa só exista no imaginário por meio de diversas representações.

A identidade para Coracini (2007) é construída com base no nosso discurso e do outro, pelo fato de sermos ditos pelo olhar do outro. As diversas representações que temos de nós mesmos é constituída com base no que acreditamos ser, no que o outro determina que somos. É como se tivéssemos que nos afirmar o tempo todo e, para isso precisamos do outro para nos ver, e assim as representações que possuímos de nós mesmos fossem tecidas com base nos nossos discursos e no dos outros. A autora, também diz que para os estudos sociais, a identidade social e individual pode ser entendida como um conjunto de características que identifica e distingue os indivíduos e, já para a psicanálise seria o que o sujeito consegue dizer sobre si.

A pesquisadora fala sobre os modismos:

Isso explica a questão dos modismos e a forte adesão a esta ou àquela maneira de se comportar de se relacionar”. A identidade se constrói no imaginário, nas identificações imaginárias, que podem ou não se transformar em simbólicas, constituindo o Outro do inconsciente, os valores que, sem saber orientam o indivíduo, suas escolhas, seu rumo. (CORACINI, 2007, p.168)

Para ser aceito, o sujeito acaba aderindo a comportamentos que caracterizam sua identidade, na maioria das vezes nem compartilha dos ideais e pensamentos de um grupo, mas prefere fingir e, suas atitudes acabam sendo direcionadas por representações que parecem

aceitar. Assim, para que possa fazer parte de um determinado grupo segue tendências e modismos, pois se preocupa mais com o que os outros pensam sobre si, do que realmente é.

A falta constitui o sujeito, que vive constantemente tentando preencher um vazio e, na tentativa de satisfazer o outro. Na sociedade, de acordo com o momento histórico, os valores e as necessidades do sujeito sempre mudam. Sendo que para satisfazer essa falta, o sujeito vive em conflito identitário, visto que se reconhece sempre a partir do olhar do outro. É como se o desejo de satisfazer o outro predominasse e, o desejo e a ilusão de possuir uma identidade fixa garantissem a segurança e a estabilidade de que é capaz de reconhecer-se a si mesmo e ao outro. E o momento histórico impõe o que é aceito como certo e errado e, cabe ao sujeito adequar-se para ser aceito.

Heterogeneidade é uma noção que será abordada na análise, pois ao trabalhar com os dizeres de alunos com necessidades especiais, o que desejamos é analisar e descrever, a presença do outro nos discursos. Para trabalhar com esse conceito usaremos como arcabouço teórico Authier-Revuz (1990).

A autora propõe o conceito de heterogeneidade enunciativa, para descrever que todo discurso apresenta a presença do outro:

Em ruptura com o EU, fundamento da subjetividade clássica concebida como o interior diante da exterioridade do mudo, o fundamento do sujeito é aqui deslocado, desalojado, “em um lugar múltiplo, fundamentalmente heterônimo, em que a exterioridade está no interior do sujeito. Nesta afirmação de que, constitutivamente, no sujeito e no seu discurso está o Outro, reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente, que as teorias da enunciação não podem, sem riscos para linguística, esquecer. (AUTHIER – REVUZ, 1990, p. 29)

Para isso, a linguista apresenta duas maneiras em que essa presença do outro é exposta, sendo elas heterogeneidade constitutiva e mostrada que pode ser marcada ou não. Mesmo a autora trabalhando com os conceitos heterogeneidade constitutiva e mostrada, o que causa a impressão de estarem separadas, não podemos deixar de compreender que toda heterogeneidade é constitutiva.

Ela expõe que “representam duas ordens de realidades diferentes: a dos processos reais, de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32). Para desenvolver a heterogeneidade constitutiva, a pesquisadora, utiliza como base o dialogismo bakhtiniano e em abordagem de sujeito e de sua relação com linguagem permitida por Freud e Lacan. Para ela, na heterogeneidade constitutiva, a presença do outro não é explícita. O sujeito se apropria de outros discursos, como se fossem seus e produz seu próprio discurso sem mostrar a presença do outro. Enquanto na heterogeneidade mostrada que também é constitutiva, a presença do outro é explícita e pode ser marcada ou não. A heterogeneidade mostrada marcada, para Authier- Revuz (1990) é quando a presença do outro é explícita por marcas como, discurso direto, aspas, glosas, citações, referências etc. O sujeito traz a marca em seu discurso da presença do outro. Quanto à heterogeneidade mostrada não marcada, para ela é quando a presença do outro não é exposta. Continua dizendo que: “Efetivamente as formas não marcadas da heterogeneidade mostrada – discurso livre, ironia...de um lado, metáforas, jogos de palavras...de outro lado representam, pelo continuum, a incerteza que caracteriza a referência ao outro...”. ( AUTHIER–REVUZ, 1990, p.34).

Assim, esse conceito será abordado na análise, pelo fato dos alunos utilizarem em seus discursos como base outros, que já foram ditos e acabam reproduzindo estereótipos e preconceitos, muitas vezes determinados em diferentes épocas. E o fazem até de forma

inconsciente, pois expõem como se as ideias e pensamentos partissem deles, porém em outros momentos trazem a fala do outro para confirmar o que dizem. A inclusão escolar dos alunos com necessidades especiais, tem enfrentado obstáculos que não limitam-se aos aspectos físicos, à ideologia pertinente da classe dominante, tem colaborado para que a disseminação de ideias que prejudicam a aceitação desses novos alunos se propaguem. A heterogeneidade enunciativa, presente no discurso desses alunos irá ressaltar esse fato.

### 3. Análise e discussão dos dados

Para analisarmos questões relacionadas à inclusão, trouxemos os dizeres de alunos considerados pela escola como “deficientes intelectuais”, que são frutos e resultados dessa inclusão, pois transitaram entre os dois momentos, por serem, até antes do acontecimento da inclusão determinada e imposta, alunos da instituição APAE. Com a nova fase designada de inclusão, passaram a ter o direito a frequentar as escolas de ensino regular. É desse lugar de aluno, até então chamado de incluído, que falam os entrevistados.

A entrevista foi realizada com base em um roteiro semiestruturado, e os recortes analisados congregam dizeres de alunos sobre sua condição atual, em meio ao processo de inclusão.

Para iniciar, analisemos o discurso de S11 em que fala sobre a APAE e a escola estadual:

**Recorte 1:** Aqui é bom gosto... **não queria voltar para APAE** prefiro aqui [...] No começo não falava para os outro que vim da APAE **para não me chamarem de doido**...na quinta série **sofri** bastante **jogavam** coisas ne mim...não sei **faziam** só pra me **provocarem**...me **maltratava**...ai **batia** neles...agora as vezes brinca coisa que não gosto **fico** chateado... nervoso coloca cada apelido besta muito besta...ai **finjo** que num to nem escutando ... mas não tenho amigo não...**se eu tive bala tenho amigo**...ai se não tive não tenho ai converso um pouco[...]**Trabalho em grupo faço só**...eles não me chama eh as vezes chama... as vezes não chama[...] **Lá na APAE era quieto** mas prefiro aqui quero fazer o colegial...aqui passa mais rápido né [...] **Lá era mais fácil aqui é um pouco difícil** ... acho um pouco...não é muita assim tenho dificuldade... um pouco ... minhas notas são mais ou menos ... não muito mais é um pouco difícil aqui é um pouco mais difícil da APAE...**Aqui na matéria aprendi um pouco mais** fico na sala quieto pra aprender mais (S11).

No trecho “**não queria voltar pra APAE**”, S11 ao empregar o advérbio de negação “**não**”, reforça o sentimento de recusa de estar entre os que são excluídos pela sociedade, não trata-se de rejeitar a APAE e, sim, de não querer mais viver com o abandono e exclusão. Ao relatar que, quando chegou à escola de ensino estadual, não disse de onde veio, justificou o motivo afirmando “**para não me chamarem de doido**”, o que nos é ressaltado são os discursos que permeiam a constituição da identidade, daqueles vistos pela sociedade como pessoas com necessidades especiais. O adjetivo “**doido**” é utilizado pela sociedade para referir-se a alunos que frequentam a APAE, pois essa é vista como um lugar destinado a retirar do convívio social todos aqueles que são tidos como diferentes, como aqueles que incomodam, que causam estranheza às pessoas. É assim que S11 se vê, pelos olhos do outro, todos os estereótipos e mitos relacionados à deficiência constituem e tecem sua identidade. Embora pareça acreditar que, por ignorar o fato de que já foi aluno da APAE, estará livre do estigma de doido, “percebe” ser impossível, pois as marcas da rejeição e exclusão que sofreu o constituem. A tentativa de abandonar o passado, com o intuito de no presente estar incluído, livre da exclusão não é possível, pois todas as experiências positivas ou não que teve ao longo de sua vida o marcam.

Os verbos “**sofri, jogavam, fazia, provocava, maltratava, batia**” conjugados no pretérito, reforçam a exclusão que S11 presenciou por ser aluno do APAE, os verbos relatam como foi o início de seu processo de inclusão na escola estadual. Ao usar o verbo “**sofri**”, denota a ideia que não sofre mais, que apenas naquele processo de adaptação é que foi difícil, que hoje não vive mais isso, porém o efeito de sentido que gera não é que o sofrimento acabou e, sim, que S11 acabou acomodando-se a situação de exclusão velada presente no seu cotidiano. Já os verbos “**jogavam, fazia, provocava, maltratava e batia**” são utilizados para expor, quais principais situações de exclusão e preconceito que sofreu a partir do momento em que deixou a APAE e, passou a frequentar a escola atual, porém embora o que demonstre é que todas ações sofridas por ele tenham ficado no passado, por meio de um lapso deixa emergir que ainda sofre, porém a única diferença do início e que o ajuda a lidar com a situação, já naturalizada é fingir, observamos isso na expressão “**finjo que num to nem escutando**”, o verbo fingir na conjugação temporal do presente, revela a solução encontrada por S11 para conviver com toda a exclusão que lhe é imposta para frequentar a escola com os ditos “normais”. Skliar (2003) menciona que o normal é o desejável, por estar revestido de valores positivos e o que representa o seu contrário, ou seja o anormal, é aquilo que é detestável. Para o autor, entre a anormalidade e a normalidade não há exterioridade e, sim, polaridade. Porém agora com todo processo de inclusão escolar, outras identidades estão surgindo como a do opressor, pelo fato de causar nos professores um tamanho desespero pela falta de formação, estabelecem que esse aluno só está atrapalhando os outros alunos e prejudicando o seu trabalho. É em meio a tantas identidades, esse sujeito por tanto tempo excluído e marginalizado, constitui sua identidade, que acredita ser fixa. E nada mais é do que as representações que possui de si, com base no olhar do outro, identidades essas que são naturalizadas e estabelecidas como imutáveis. Sobre isso Coracini (2007, p. 9) reflete: “Somos vistos pelo olhar do outro, somos constituídos de representações imaginárias que se imprimem no e pelo espelho do olhar do outro”.

Outra marca de exclusão revelada foi quando S11 mencionou “**se eu tive bala tenho amigo**”, utiliza “**se**” conjunção condicional, para salientar a condição imposta pelos demais alunos para socializarem-se com ele. Observa-se a exclusão velada sofrida por S11, que somente quando possui bala e distribui aos colegas esses o percebem, pode ser entendido como um suborno ou como se fosse uma compra, que nos remete ao discurso capitalista realidade capitalista da sociedade moderna, que instaura o que você é, pelo que possui. Podemos relacionar não só a realidade dos excluídos, por serem considerados anormais, mas do pobre, negro, o capitalismo gera a exclusão e abandono, daqueles que passam a viver à margem da sociedade.

Outra expressão que ressalta bem a situação vivenciada por S11 é “**trabalho em grupo faço só**”, que expõe que embora esteja por direito, frequentando a escola estadual, com os alunos designados “normais” pela sociedade, não está sendo incluído por eles e, muitas vezes, mesmo com o objetivo de deixar claro que o outro o exclui. O próprio aluno, que é egresso da APAE, carrega consigo o sentimento de inferioridade e acha mais fácil destinar toda responsabilidade de sua exclusão para o outro, que para ele é o culpado por sua condição. Também notamos o discurso da vitimização, atribui para o outro a responsabilidade pela exclusão sofrida por ele.

S11 continua expondo e fazendo comparações entre a APAE e a escola estadual que frequenta, quando fala “**Lá na APAE era quieto**”, seu dizer possibilita uma dupla interpretação, ao utilizar o adjetivo “**quieto**”, para qualificar APAE, sendo que na primeira é, que na APAE os alunos são silenciados, disciplinados, diferentes dos alunos de sua escola atual, na segunda remete à ideia de que, por serem excluídos da sociedade, por viverem à margem, embora tenham voz, não possuem o direito de falar, pois são silenciados.

Também há a instauração de aceitação de discursos cristalizados, que remetem à APAE a função de tirar aqueles que causam desconforto, que são silenciados, dos olhos da sociedade, com o único intuito de mantê-los longe do olhar do outro, para não serem incômodos, e não é dada a ela atribuição de ensinar, educar esses alunos como as escolas de ensino regular.

Esse fato pode ser observado nas expressões **“lá era mais fácil...aqui é um pouco difícil”** e **“Aqui na matéria aprendi um pouco mais”**, o uso de antônimos **“fácil e difícil”** remetem ao sentido de que a APAE e a escola estadual são opostas, o uso do adjetivo **“fácil”** gera o efeito de sentido de que a intenção das APAE não é contribuir para o capitalismo, no sentido de desenvolver habilidades que contribuam para a competitividade e sucesso individual, elementos presentes em nossa sociedade. Já ao referir-se a escola estadual, o adjetivo utilizado é **“difícil”** que nos remete a competição, individualismo, lucro, elementos essenciais para manter e preservar a cultura capitalista que direciona nossa sociedade, estar entre os ditos “normais”, garante a S11 o acesso ao mundo, a saberes que não lhe eram permitidos. O uso do verbo **“aprendi”** mostra que na escola estadual aprendeu saberes necessários para sua sobrevivência em sociedade, enquanto antes quando era aluno da APAE esses saberes eram negados. Assim, os alunos da APAE acabam sendo interditados de participar ativamente da sociedade. Sobre isso Foucault (1996, p. 2) ressalta **“É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também é o interdito.”** Não é todo mundo que pode dizer o que quiser; por meio da exclusão, muitos acabam sendo silenciados.

A necessidade de afirmar que está incluído é uma regularidade nos dizeres dos alunos, como de S4:

**Recorte 2:** Sim **faço as atividade igual sem dificuldade...Ah... algumas vezes pergunto...mas fico mais quebrando a cabeça[...]** Os professor tudo legal...**me tratam bem...normal... tudo igual[...]** Os outro aluno são legais...**me dão atenção...brincam[...]****Acho** que a inclusão tipo é melhor...porque os aluno vai aprender as coisa mais logo...coisas nova...tipo...tipo...outras coisa...é uma coisa boa...pois vai aprende mais[...]**Sim estou incluído...sim...nós é tudo igual...não tem diferença não ...tudo igual sou normal (S4)**

Nos dizeres de S4, observamos contradição entre **“faço as atividade igual sem dificuldade”**, em que a expressão **“igual”** ressalta a necessidade de afirmar-se como igual aos outros e **“algumas vezes pergunto...mas fico mais quebrando a cabeça”**, S4 sente a necessidade de igualar-se aos outros alunos, para se sentir incluído, porém na continuidade surge o lapso, ao deixar escapar que as dificuldades existem sim. A expressão **“quebrando a cabeça”**, nos remete a ideia de que se ficar tentando, pensando sozinho entenderá o que foi proposto. Ao usar a conjunção adversativa **“mas”** revela que prefere “quebrar a cabeça” a perguntar. O fato pode ser descrito como uma maneira de estar entre os outros alunos, mesmo diante das dificuldades enfrentadas para realizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Fica silenciada a sua falta de interação em sala, porque para ele, o silêncio garante sua igualdade em relação aos demais. De acordo com Foucault (1998), os interditos que atingem o discurso revelam o seu vínculo ao desejo e poder.

Já quando fala de seus professores, usa o adjetivo **“legais”**, pelo fato de que o **“tratam bem normal”**. A expressão **“normal”**, que significa estar na norma, é usada na tentativa novamente de colocar-se na norma como os outros, afastando-se do espectro da anormalidade, que tanto assombra os alunos com necessidades especiais. Isso ativa o interdiscurso, em nossa memória discursiva. De um lado, pessoas com necessidades especiais têm sido vistas, ao longo do processo histórico, como seres anormais, aqueles que estão fora da norma, que não se enquadram nos paradigmas instaurados na sociedade. De outro, o dizer evoca o discurso da inclusão, que vem sendo propagado pela mídia, **“ser diferente é normal”**

que, embora pareça estar incluindo as pessoas com necessidades especiais, exclui. Afirma que realmente são diferentes, que suas limitações as tornam diferentes, porém hoje isso pode ser tolerado e mesmo diferentes, podem ser aceitos. Assim, S4 precisa afirmar que é normal, que está entre os normais, e isso, para ele, garante o direito de ser normal, ser tratado bem. E usa novamente o item lexical “**igual**”, o que talvez crie um efeito de sentido de querer ser visto como o outro. Para Skliar (2003), a normalidade é inventada por si mesmo, e acaba massacrando, encarcerando e domesticando o outro.

Quando fala sobre os outros alunos, o que nos desperta atenção é a expressão “**me dão atenção**”, pois significa que o desejo de S4 não se limita a estar entre os outros alunos, os “normais”, e sim, ser aceito por eles. Sobre a inclusão, S4 garante, pelo marcador de opinião “**acho**” que, embora tente demonstrar que acredita que a inclusão é algo bom deixa a marca da dúvida sobre o que diz. Mas o que remete a um efeito de sentido oposto é o dizer “**Sim estou incluído**”, pois se sentisse incluído, não precisaria afirmar pelo advérbio “**sim**” que, segundo Neves (2011, p.238) “opera sobre o valor de verdade da oração”, acompanhando a expressão “**estou incluído**”, que intensifica a necessidade de garantir que está incluído. Outro fragmento relevante é “**nós é tudo igual...não tem diferença...sou normal**”, o efeito de sentido dessas expressões remetem ao contrário do que S4 diz, o tempo todo deseja falar que é normal, igual aos outros alunos impondo assim, que não é isso que sente, pois quando algo precisa ser afirmado e reforçado o tempo todo, como ocorrem nesses dizeres é porque o contrário está lá, posto e naturalizado. Assim, ele usa a denegação que, para Authier-Revuz (1990), expõe que as formas marcadas da heterogeneidade mostrada, por meio das formas de desconhecimento da heterogeneidade constitutiva atuam sobre o modo da denegação, assim, observa-se que quando o sujeito resiste é quando a presença do Outro emerge no seu discurso.

Assim, S4 demonstra sentir-se diferente dos outros alunos, embora esteja entre os ditos “normais”, e acreditar nos discursos relacionados à inclusão, os interdiscursos afirmam que as pessoas com necessidades especiais são diferentes e portanto anormais. Quanto às formação discursivas, destacamos a pedagógica, observada em “**Sim faço as atividade igual sem dificuldade**” e da inclusão e Constituição, com a expressão “**nós é tudo igual...não tem diferença não**”.

Para dar continuidade à análise, com questões relacionadas à inclusão, analisamos, na sequência, um recorte da entrevista de S7.

**Recorte 3:** Bem não tenho dificuldade nenhuma não... mas tem umas atividade que não consigo...eu to tentando aprender um pouco mais[...] Os professores são legais... **trabalham normal comigo igual os outro aluno**... eles explica normal não tenho o que falar deles não...me tratam normal...igual todo mundo...quando tenho dificuldade ajudam... é ajudam todo mundo...**não sou só eu que tenho dificuldade na sala...tem mais gente que tem dificuldade** [...] Os outro alunos eu acho que **tem muita gente que é metida**[...]A inclusão é boa...foi ótimo porque **se num fosse a inclusão estaria na APAE** perdendo tempo...é não é perdendo tempo né... É modo de dizer.[...]**Tô incluída sim...lá fora também** não vejo nenhuma diferença...não tem nenhuma diferença...**todo mundo me trata como todo adolescente normal** (S7).

S7 inicia sua fala expondo “**não tenho dificuldade nenhuma não**” em realizar as atividades, porém se contradiz ao dizer “**mas tem umas atividade que não consigo**”, em que o operador de disjunção, a adversativa “**mas**”, cria efeito de paradoxo. A dupla negação em “**não tenho dificuldade nenhuma não**” é, pois desmontada. Quando fala dos seus professores, observamos que, ao dizer “**trabalham normal comigo igual os outro aluno**”, S7 se iguala aos outros alunos. O que também nos chama atenção é a recorrência da expressão “**normal**”, que revela o desejo de ser tratado como um aluno normal, como os outros são tratados. Ela precisa o tempo todo estar assegurando que está na normalidade, para acreditar

que está conseguindo deixar de ser vista como “anormal”, termo que marca o estereótipo de inferioridade em pessoas consideradas com necessidades especiais. A aluna novamente tenta expor que está dentro da norma, quando diz “**não sou só eu que tenho dificuldade na sala..tem mais gente que tem dificuldade**”. S7 intensifica seu dizer, pelo advérbio de negação “**não**” que, para Neves (2000, p. 238), é um advérbio não modificador, e “ não afeta o significado do elemento sobre o qual incide”, desconstruindo o estereótipo de que somente pessoas classificadas com necessidades especiais apresentam dificuldades de aprendizagem,. Com essa tentativa de rotular o outro como aquele que também tem dificuldade, S7 tenta mascarar ou fugir do sentimento de inferioridade e limitação que a persegue.

Com a expressão “**se num fosse a inclusão estaria na APAE perdendo tempo**”, notamos a presença do discurso capitalista, em que tempo é sinônimo de lucro. Em seu dizer, “inclusão” significa estar na “escola regular”, como manda a lei ( a LDB).

Sobre a inclusão diz: “ **se num fosse a inclusão estaria na APAE**”, S7 atribui à inclusão sentidos positivos, pelo fato de ter dado a ela o direito de sair da APAE, por conseguir deixar aquele lugar que, para ela, representa tudo que rejeita: estar entre os que, assim como ela, carregam estereótipos de incapacidade, limitação e anormalidade. É como se o simples fato de deixar de frequentar a instituição fosse trazer um novo acontecimento: por estar entre os “normais”, seria vista como um deles.

Ao mencionar “**Tô incluída sim**”, usa o advérbio de afirmação “**sim**” para reforçar o que quer que acreditemos, que todo o processo de inclusão resultou em uma situação estável, em que todos a aceitaram e todos os discursos cristalizados, naturalizados na sociedade, foram desconstruídos. Quando afirma “**todo mundo me trata como todo adolescente normal**”, nesse dizer, o sujeito, por meio de um enunciado conformativo – “estar de acordo com “ - , representa-se “conforme todo adolescente normal”, reiterando sua inclusão. De acordo com Skliar (2003), sobre normal e anormal, a alteridade deficiente, anormal, só tem sentido quando confrontada com a normalidade

A identidade da aluna é constituída pelo sentimento de inferioridade, vê no outro o que queria ser, e para isso precisa constantemente estar trazendo em sua fala o que finge acreditar, que está tudo normal, pois todos são tratados da mesma forma, não tem dificuldade, quer dizer, apresenta as mesmas limitações que os outros e, se os outros alunos a ignoram, é por acharem que são melhores que ela. O que S7 revela é que se vê como alguém inferior, prefere viver em conflito para mascarar a exclusão que vivencia. Exclusão essa, que muitas vezes resulte dela mesma, pelo sentimento de inferioridade e limitação que a domina, e a negação é a forma encontrada para disfarçar essa situação. Para Rodrigues (2006), a exclusão é vista como uma espécie de epidemia do início deste século, assustadora, contagiosa e algo de difícil cura. Trata-se de uma epidemia social, o seu alastramento tem sido rápido, por isso vem sendo tratada como uma ameaça ao desenvolvimento das sociedades, por isso essas visam sua erradicação.

Sobre as formações discursivas, podemos destacar a capitalista, com a expressão “**perdendo tempo**”, e a social, com “**todo mundo me trata como todo adolescente normal**”.

#### 4. Algumas reflexões

Ao problematizar os discursos de alunos com necessidades especiais, observamos que manifestam representação negativa de tudo que possa lembrá-los de sua condição na sociedade e, mesmo tendo estudado na APAE, preferem esquecer esse passado. A inclusão escolar apresenta-se como algo que exclui, porém, no desejo de não ser diferente, de estar

entre os outros, como se esse convívio lhe garantisse a condição tão desejada de ser visto como normal, o aluno acaba silenciando-se, embora esse silêncio represente uma resistência, e não uma simples acomodação.

A esses alunos o que gera desconforto é retornar ao passado para falar da APAE, por ser um passado que querem apagar, porém acabam vivendo nesse entre-lugar. Vivem o presente presos ao passado, embora tentem camuflar seu passado marcado por um estado de exclusão social, pois, ao pertencerem a uma instituição marginalizada na sociedade, carregam marcas que representam preconceitos, mitos, estereótipos que determinam o que são. É como se a tentativa da normalização, representada pela inclusão escolar, pudesse afastar os espectros de marginalização, que constituem a identidade desses alunos, porém não há como viver o presente sem o passado. Por isso que expõem com frequência que estão instáveis, há um deslocamento constante entre presente e passado, entre a exclusão e o desejo de ser incluído.

## Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Trad. Celene M Cruz e João W. Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.19, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, P. 25-42.

\_\_\_. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Trad. Cláudia R. C. Pfeiffer et. al. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1998.

CORACINI, M.J.R.F. *A celebração do outro*. Arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

FIORIN, José Luiz.(1996). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no College de France (1974 -1975)*. Tradução de Eduardo Brandão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

RODRIGUES, David (Org.). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2006.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença*. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.